



Diomedea exulans BOOBY (FRIGATE)

CAMPANHA

SALVEM OS VELEJADORES DO AR

Planadores errantes, mestres no vôo à vela, os albatrozes são uma visão inesquecível para qualquer viajante dos mares do sul. Mas perdem a vida nas pontas dos anzóis e dependem da consciência dos pescadores para sobreviver

texto LIANA JOHN

Impecável elegância. É a expressão mais justa para definir um albatroz em vôo, planando tranqüilo, sem nenhum esforço, atrás de barcos, veleiros ou navios. Lá embaixo, os mortais comuns sacodem em todos os sentidos, à mercê das ondas – de 4 a 15 metros! – do Estreito Drake, onde os oceanos Atlântico e Pacífico se encontram. Dono do mais extenso par de asas do reino animal, com uma envergadura de até 3,5 metros, o maior dos albatrozes repete outra e outra vez, inabalável, suas manobras em forma de oito. Toma impulso nas térmicas, sobe, desenha uma curva perfeita e depois mergulha sobre o mar tur-

bulento da Antártica até quase tocar os picos das ondas, para, novamente, descrever uma curva suave e tornar a subir com as correntes de ar.

Bico rosado, cabeça branca, peito branco, ventre branco, dorso branco com um toque de preto nas penas de vôo, na ponta das asas. Assim é o albatroz errante (*Diomedea exulans*), imponente, discreto e 'bem vestido'. Com uma expectativa de vida superior a 50 anos (alguns pesquisadores estimam até 80 anos!), esse ser extraordinário, a maior ave marinha do mundo, passa cerca de 90% do seu tempo de vida

Diomedea exulans



MARCELO PALO, JR.



AMEAÇADOS

O albatroz-de-nariz-amarelo é o menor do gênero; o de-sobrancelha-negra (pág. ao lado) tem a maior população, mas também corre risco de extinção

Thalassarche chlororhynchos

no ar! Praticamente só aterrissa para o acasalamento e cuidados com o ninho, em média, uma vez a cada dois anos.

Solitário no restante de seu tempo, o albatroz errante enfrenta o frio cortante e os ventos violentos característicos da região Antártica sem pousar ou buscar abrigo, e sem nunca ultrapassar o limite imaginário dos 30 graus de latitude Sul. Na primavera austral, em outubro, volta para 'casa', na Bird Island, extremo oeste da Geórgia do Sul. Ali encontra seu par para reproduzir e cuidar do filhote, sempre único.

Como os machos das outras 20 espécies conhecidas de albatrozes, via de regra, o gigante errante chega primeiro e ajeita o ninho: um montículo feito de capim e musgo, sobre escar-

A comida do filhote pode estar a mais de mil quilômetros

pas íngremes e expostas (de onde é mais fácil decolar). Tarefa executada, ele senta e chama sua companheira com um grito especial. Ela sobrevoa o ninho, inspeciona a obra de cima e só então desce para reencontrar seu parceiro. Apesar de viajantes inveterados, os albatrozes são monogâmicos. Como atingem a maturidade sexual em torno dos 10 anos, isso quer dizer que aquele macho acasalará com a mesma fêmea durante 40 anos, caso os dois se mantenham vivos tanto tempo. Apenas se um dos dois

Farra no Brasil

A espécie de albatroz mais comum nas costas brasileiras — o albatroz-de-sobrancelha-negra (*Thalassarche melanophrys*) — nasce na região subantártica. Uma colônia de centenas de milhares de casais forma-se todo ano, entre outubro e novembro, na ilha Steeple Jason, nas Falklands (Malvinas), de 790 hectares, rigorosamente protegida. Nem mesmo os pesquisadores da Falkland Conservation entram lá. A única visita permitida ocorre de 5 em 5 anos e dura só 4 dias. É quando os pesquisadores fazem o censo dos casais presentes no ninhal. De 1995 para 2000, o número de casais nidificando caiu 20%, ou seja, 175 mil aves 'faltaram' a seus encontros amorosos.

Os filhotes, nascidos entre dezembro e janeiro, permanecem nos ninhos até abril, pacientemente aguardando a comida trazida pelos pais. Tão logo estejam aptos a voar partem para a costa brasileira, aqui permanecendo durante sua juventude. A 'farra' termina em torno dos 6 a 7 anos, quando atingem a maturidade e então voltam para as Falklands, para nidificar.



Thalassarche melanophrys

PAPELO PAOLO BR

faltar ao encontro marcado, o outro partirá para uma nova conquista.

Uma vez em solo, o casal dá início a um ritual de sincronismo, ensaiando movimentos com as asas, o pescoço e as patas até entrar em perfeita sintonia. Eles chegam a fazer belíssimos vôos sincronizados e, com as asas quase se tocando, executam manobras difíceis como um casal de bailarinos aéreos. Só então copulam e a fêmea põe o único ovo da temporada. Diferente da maioria das aves de regiões mais quentes, capazes de fazer uma segunda postura, se algo acontecer aos primeiros ovos,

os albatrozes só têm uma chance de sucesso a cada temporada. As espécies menores chegam a realizar posturas anualmente, mas também estão limitadas a um ovo só a cada primavera.

O ovo eclode em cerca de 80 dias e o filhote permanecerá no ninho mais 10 meses até conseguir voar. A energia gasta na busca de alimento para o filhote é proporcional ao tamanho da ave, quer dizer, imensa. Às vezes, um dos pais viaja 2 a 3 semanas em busca de alimento, cobrindo distâncias superiores a mil quilômetros!

Originalmente, o filhote de al-

AMEAÇADOS DE EXTINÇÃO

Existem 21 espécies de albatrozes, todas ameaçadas de extinção, em diferentes níveis, de acordo com o monitoramento realizado pela Birdlife International. Conheça algumas delas:

Albatroz-de-amsterdã (*Diomedea amsterdamensis*) – É o albatroz em estado mais crítico. Pesa apenas 6 kg e tem o peito e parte da cabeça marrons. É endêmico da Ilha Amsterdam, na região sub-antártica, e estima-se que reste apenas uma população de 80 aves.

Albatroz-de-chatam (*Thalassarche eremita*) – É outro criticamente ameaçado. Com a cabeça cinza e o peito branco, pode ser reconhecido por dois detalhes: o contorno branco dos olhos e uma mancha negra na ponta do bico amarelo. A população é estimada em 11 mil aves.

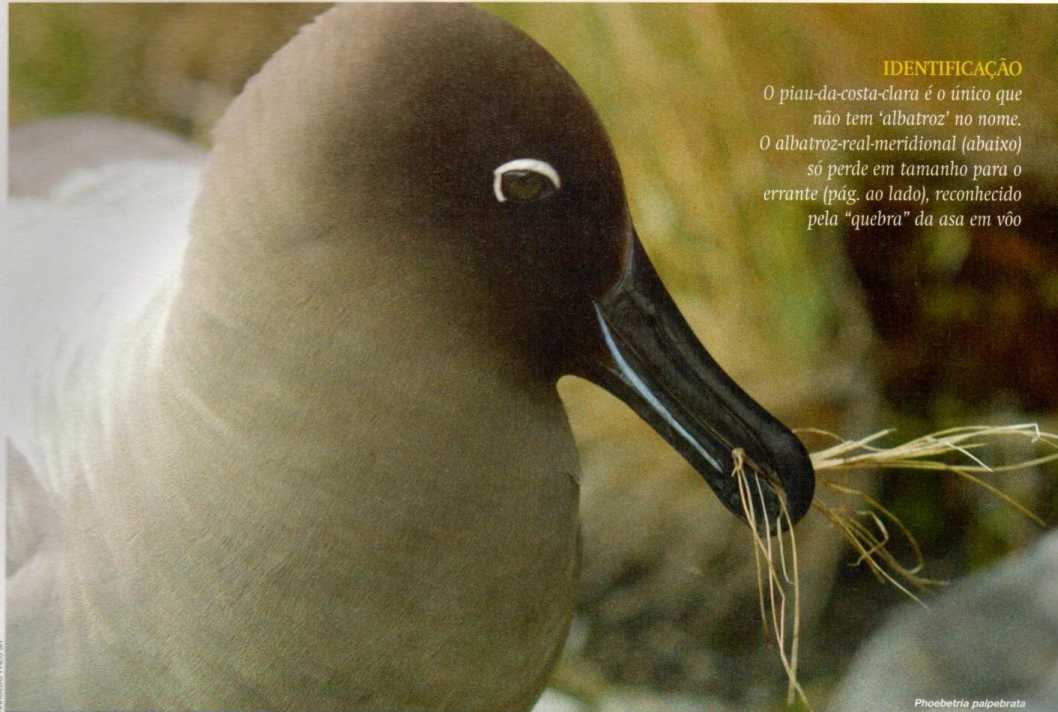
Albatroz-errante (*Diomedea exulans*) – É a maior ave marinha conhecida. Pesa até 11 kg, mede 117 cm e chega a 3,50 m da ponta de uma asa à outra. É o único que 'quebra' as asas durante o voo, numa pose que facilita a identificação. Considerado vulnerável, tem uma população estimada em 28 mil aves, em declínio.

Albatroz-real-meridional (*Diomedea epomophora*) – Pesa um quilo a menos do que o albatroz errante (até 10 kg), mas tem quase a mesma envergadura de asas. Nidifica na região subantártica. É considerado vulnerável, com uma população estável em torno de 17 mil aves.

Albatroz-de-sobrancelha-negra (*Thalassarche melanophrys*) – Fácil de reconhecer pela sobrancelha 'pintada' de preto, fazendo jus ao nome. Pesa até 4,5 kg e tem 2,50 m de uma asa à outra. Considerado ameaçado, apesar de ter a maior população entre os albatrozes, de 1 milhão a 2,5 milhões de aves.

Piau-de-costa-clara (*Phoebastria palpebrata*) – Pesa até 3,7 kg e tem 2,20 m entre as pontas das asas. É a espécie que se reproduz mais ao sul, entre os albatrozes. A população é estimada em 58 mil aves, o que classifica a espécie como quase ameaçada.

Albatroz-de-nariz-amarelo (*Thalassarche chlororhynchus*) – É o menor dos albatrozes, com um peso máximo de 2,8 kg e 2 metros de ponta a ponta das asas. A cabeça é branca com sobrancelha marcada de preto e o bico escuro, com uma faixa amarela no centro. A população, de 50 mil aves, vem declinando rapidamente. É endêmico do Arquipélago de Tristão da Cunha, no Atlântico.



Phoebastria palpebrata

IDENTIFICAÇÃO

O piau-da-costa-clara é o único que não tem 'albatroz' no nome. O albatroz-real-meridional (abaixo) só perde em tamanho para o errante (pág. ao lado), reconhecido pela "quebra" da asa em vôo



Diomedea epomophora

batroz estava livre de predadores na fase em que ainda não consegue voar. Tinha como inimigas 'apenas' as tempestades e a fome. Mas a introdução de ratos nas ilhas e zonas costeiras exploradas pelos homens mudou esse equilíbrio, colocando não só o albatroz errante, mas todos os albatrozes num outro

patamar da luta pela sobrevivência. Das 21 espécies conhecidas de albatrozes, 19 estão ameaçadas de extinção. E ao predador introduzido — que tanto come os ovos como mata os filhotes menores — soma-se um outro risco para o albatroz, igualmente relacionado ao homem: o de morrer afogado, preso aos anzóis de espinhéis.

Espinhéis são longas linhas de pesca de espera em alto mar. Algumas linhas têm 80 quilômetros e delas pendem de 800 a 1.400 anzóis. As iscas costumam ser lulas e cavalinhas, alimentos apreciados por atuns e espadartes, que são o alvo dos pesqueiros. Ocorre que tais iscas atraem também albatrozes e petréis, uma outra ave marinha de grande porte. As aves sobrevoam os barcos pesqueiros quando eles estão largando os espinhéis na água, o que normalmente é feito ao entardecer para que as linhas permaneçam imersas durante toda a noite e sejam recolhidas no dia seguinte. Antes de a isca afundar com o anzol, quando ainda está à vista, as aves mergulham para pegar as lulas e acabam fígadas e afogadas, quando não se debatem



Diomedea exulans HERCULO PRADO JR

na superfície até a morte.

Na região de nidificação dos albatrozes errantes, na Geórgia do Sul, a venda de licenças de pesca industriais movimentou 80% da economia, correspondendo a uma receita de cerca de US\$ 5,5 milhões anuais. A pesca é de espinhel de fundo e a espécie mais procurada é a austromerluza negra (*Dissostichus eleginoides*), um peixe de 70 centímetros a 2 metros, também chamado de 'ouro branco' por alcançar alto valor de mercado (mínimo de US\$ 20,00 o kg). De acordo com dados oficiais do governo da Geórgia do Sul são capturadas 4 mil toneladas desse pescado por ano, entre os meses de maio e agosto, todos com espinhéis, lançados entre 800 e 2 mil metros de profundidade.

Ainda segundo o governo, a cap-

tura de albatrozes praticamente foi eliminada na pesca autorizada, nos últimos anos, ao redor da Geórgia do Sul. Mas a pesca ilegal ainda é uma ameaça constante, que demanda vigilância com barcos e imagens de satélite. Navios-indústria do sudeste asiático são os clandestinos mais frequentes e pescam sem adotar as medidas de conservação também em águas internacionais. Desde os anos 1960, a população de albatrozes errantes, nidificando na Bird Island, declinou um terço. Devido à baixa taxa de reprodução e à demora em atingir a maturidade, a recuperação do equilíbrio populacional é difícil.

Já existem diversas medidas, não prejudiciais à pesca, que diminuem significativamente a captura acidental de albatrozes nas linhas de

A luta a favor dos albatrozes tem o apoio dos velejadores

pesca. Organizações não-governamentais internacionais e nacionais – como a Birdlife International e, no Brasil, o Projeto Albatroz – trabalham com os pescadores industriais pela adoção de equipamentos e procedimentos mais seguros para as aves. E pedem aos consumidores para rejeitar pescados de empresas piratas, que não adotam as medidas de proteção. Agora, neste início de 2006, as campanhas de esclarecimento ganharam um reforço de peso, com a adesão de velejadores oceânicos, como o campeão brasileiro Torben Grael. Coordenada pela Birdlife International, a campanha Salve os Albatrozes é o tema da presente regata internacional Volvo Ocean Race.

Manifestações em defesa dos albatrozes foram realizadas na Austrália e Nova Zelândia, e também na etapa brasileira, no Rio de Janeiro. No Brasil, o esforço maior é pela implantação, pelo governo federal, do Plano de Ação Nacional para Conservação de Albatrozes e Petréis (Planocape) e a ratificação de um acordo internacional de proteção dessas aves, assinado pelo Brasil, mesmo sem participar da Convenção das Aves Migratórias.

Para os competidores, os albatrozes são companheiros de viagem, apelidados de 'velejadores do ar'. E vale usar toda a mídia disponível para que seus acompanhantes alados não percam a vida para a falta de consciência.

